

THE UNTOUCHABLES / 1987

(*Os Intocáveis*)

um filme de Brian De Palma

Realização: Brian De Palma / **Argumento:** David Mamet, segundo o livro de Oscar Fraley e Elliott Ness, e o romance de Paul Robsky / **Fotografia:** Stephen H. Burum / **Direcção Artística:** William A. Elliott / **Figurinos:** Giorgio Armani, Marilyn Vance-Straker / **Montagem:** Jerry Greenberg, Bill Pankow / **Música:** Ennio Morricone, Duke Ellington ("Sophisticated Lady") e Leoncavallo ("I Pagliacci") / **Intérpretes:** Kevin Costner (Elliott Ness), Sean Connery (Jim Malone), Charles Martin Smith (Agente Oscar Wallace), Andy Garcia (Agente George Stone/Giuseppe Petri), Robert De Niro (Al Capone), Richard Bradford (Chefe da Polícia Mike Dorsett), Jack Kehoe (Walter Payne), Brad Sullivan (George), Billy Drago (Frank Nitti), Patrícia Clarkson (Catherine Ness), etc.

Produção: Art Linson e Raymond Hartwick/ **Cópia:** DCP, colorida, com legendas eletrónicas em português, 119 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1987 / **Estreia em Portugal:** Alfa, Amoreiras, Berna, Mundial, S. Jorge, em 2 de Outubro de 1987.

The Untouchables deu, finalmente, a Sean Connery algo que há muito merecia: um Oscar da Academia. A sua interpretação do polícia de rua Jim Malone que Elliott Ness (Kevin Costner) convida para formar a brigada dos "intocáveis" é um prodígio de energia e uma presença que ofusca todas as que o acompanham, incluindo as vedetas Costner e De Niro. E é um papel em que, praticamente, Connery se limita a ser ele próprio, a marcar a sua "presença", na melhor tradição dos clássicos de Hollywood: um John Wayne, um Gary Cooper, um Spencer Tracy, etc. Ele mostra-se como o legítimo herdeiro desta geração de gigantes que formou o cinema clássico. E o filme de Brian De Palma, leva-nos, no tempo e na forma, a essa mesma época: o começo dos anos 30 do século passado, a Chicago no tempo da "Lei Seca", império de Al Capone de quem Elliott Ness vai ser uma implacável Nemésis.

O argumento, assinado pelo dramaturgo e encenador David Mamet (mais tarde convertido em realizador, categoria em que se impôs com **House of Games/Jogo Fatal**), inspira-se nas memórias de Elliott Ness (escritas em colaboração com Oscar Fraley) que deram origem, também, à famosa série de televisão que de 1959 a 1963 e ao longo de 118 episódios (sempre introduzidos por um comentário "off" do jornalista Walter Winchell), dominou os pequenos ecrãs do mundo, tendo Robert Stack no papel de Ness (de 1993 a 1994 foi feita nova série de episódios, 43 mais o piloto, tendo agora Tom Amandez no papel do célebre agente federal, em resultado do sucesso do filme de Brian De Palma). A primeira série (que passou parcialmente na RTP na década de 60, e na totalidade já nos anos 80 na RTP2, na rubrica "Clássicos da TV"), hoje objecto de culto e de coleccionismo, teve como ponto de partida um filme para a televisão (que se tornaria o "piloto" da série). Trata-se de **The Scarface Mob** feito em 1959 pela "Desilu Playhouse" (a companhia de Desi Arnaz e Lucille Ball), realizado por Phil Karlson e emitido em Abril desse ano numa manobra de antecipação à produção da Allied Artists, **Al Capone**, de Richard Wilson, e com Rod Steiger. O sucesso do telefilme, que trazia uma violência e realismo inusitados no pequeno ecrã de então, levou à sua exploração nos cinemas em 1962 quando a série era já um fenómeno (entre nós foi exibido com o título **A Quadrilha do "Cara Cortada"**).

Se o ponto de partida da versão de De Palma é o mesmo, o desenvolvimento, tratamento e "desenho" das personagens sofre muitas e profundas alterações. Na verdade, toda a série da televisão, com excepção do telefilme inicial, decorre após a prisão de Capone, centrando-se na luta dos "Intocáveis" contra os remanescentes da organização e de outras que a continuam. **The Untouchables**, tal como **The Scarface Mob** tem por tema apenas o combate de Ness que terminará com a prisão de Capone por fuga ao pagamento de impostos. Há alguns pontos em comum, como o famoso encontro na escadaria do hotel entre Ness e Capone, em que quase chegam a vias de facto. A principal diferença encontra-se, desde logo, no retrato de Ness que, curiosamente, é apresentado de uma forma mais idealista e "pura" no filme de De Palma, ao contrário da série televisiva como seria de esperar. De Palma começa por nos mostrar um Elliott Ness (Kevin Costner no que é, talvez, um dos seus melhores trabalhos como actor) recém-chegado a Chicago seguro e optimista, confiante nos instrumentos da lei, em particular na polícia. Só os primeiros desaires (incluindo um "raid" falhado que o torna alvo da chacota geral) o levam a aceitar o que é evidente: que o dinheiro de Capone compra a sua impunidade a boa parte da polícia e alguns juizes. O filme é, de certo modo, a narrativa da sua "aprendizagem" do "Mal", acabando por recorrer aos seus próprios métodos: a brutalidade na "execução" de Frank Nitti (no que é uma das entorses à realidade, pois o "mafioso" continuou ainda a fazer das suas por mais alguns anos) como resposta ao assassinato de Malone, e a chantagem ao juiz no julgamento final de Capone, forçando a mudança de júri. Os fracassos iniciais levam-no a uma perda de fé e à beira da desistência, até ao momento em que encontra, de noite, numa das pontes do rio, um polícia de giro que lhe dá uma lição de realismo e objectividade. Será a este, Jim Malone, que Ness irá recorrer para "aprender" a melhor forma de levar a cabo a sua missão. A ele vai juntar mais dois elementos, o primeiro, Oscar Wallace, um contabilista (Charles Martin Smith) "apanhado" um pouco aleatoriamente (e que nesse primeiro encontro dá logo a indicação da melhor forma de "caçar" Capone, através dos impostos, a que Ness não liga então), e o segundo, George Stone (Andy Garcia) procurado, a conselho de Malone, na escola da polícia onde os agentes não foram ainda contaminados pela corrupção. As operações de sucesso que levam a cabo provocam a reacção violenta de Capone de que resulta o assassinato de Wallace, com uma mensagem pintada junto ao corpo: "Touchables", indicando que, no fim de contas, eles podem ser "tocados", se bem que de outra maneira.

De Palma tem em **The Untouchables** aquele a que se pode chamar o seu primeiro filme de "maturidade". Se o sucesso já lhe batera à porta (principalmente com **Carrie**) e era já uma das personalidades da geração dos "movie brats" (a de Coppola, Spielberg, Scorsese, William Friedkin) o seu cinema estava demasiado marcado por sinais exteriores com a imitação (em jeito de homenagem mas sem cunho próprio) dos directores que mais o influenciaram, com destaque para Alfred Hitchcock, de que **Dressed To Kill/Vestida Para Matar** (1980) e **Body Double/A Testemunha do Crime** (1984), por exemplo, são pastiches pouco inventivos mais do que obras pessoais. Em **The Untouchables** esse tique de imitador ainda se mantém (aliás, nunca o abandonará), seja de Hitchcock (a queda de Nitty do telhado), seja, agora, uma homenagem (paródia?) ainda mais transparente, ao clássico de Eisentein, **Bronenosets Potiomkine/O Couraçado Potemkine**, na sequência demasiado elaborada (a montagem dos tiros com o balançar do carrinho de bebé). Há quem goste, mas o artifício é demasiado evidente e o "pastiche" não resulta. Onde De Palma se mostra mais "adulto", com um olhar mais pessoal, que encontramos noutras obras futuras bem mais importantes (em especial **Carlito's Way/Perseguido pelo Passado**, que me parece o seu filme mais importante até hoje, ao lado do prodigioso "exercício" de **Femme Fatale**) é na encenação das cenas de acção menos "espectaculares", como é o caso do assassinato de Malone, prodigiosa na forma como a tensão pára imediatamente para a explosão da acção, e pela força vital que Sean Connery imprime à personagem nestes momentos (a cena da agonia nos braços de Ness). Aliás Connery impõe-se, como já dissemos sobre o próprio Robert De Niro que tem uma composição truculenta e quase a roçar a paródia da personagem de Capone.

Manuel Cintra Ferreira